4A
16
13
23

Obra protegida por direitos de autor

De João Pedro Ribeiro.

4A
16
13
23

Obra protegida por direitos de autor

Obra protegida por direitos de autor

PARECER

SOBRE

OS CHAMADOS ACTOS

DE FÉ,

ESPERANÇA, E CHARIDADE,

E OS DE OUTRAS

VIRTUDES CHRISTANS.

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE
54340

COIMBRA:
Na Real Imprensa da Universidade.

Anno de 1798.

Com licença da Meſa do Deſembargo do Paço.

Obra protegida por direitos de autor

Exercitatio animæ in Fide, Spe, & Charitate, facit eum (Christianum) idoneum capere, quod venturum est.

S. August. Serm. 4. n. 5.

O exercicio da Alma na Fé, na Esperança, e na Charidade faz, com que o Christaõ se faça digno, e capaz dos bens futuros.

S. Agost. Serm. 4. n. 5.

Qui hæc legens dicit: Intelligo quidem, quid dictum sit, sed non vere dictum est: *offerat, si placet, sententiam suam, & redarguat meam, si potest. Quod si cum charitate, & veritate fecerit, mihique etiam (si in hac vita maneo) cognoscendum facere curaverit, uberrimum fructum laboris hujus cepero. Quod si mihi non potuerit, me volente ac libente præstiterit.*

S. Aug. Lib. de Trinit. n. 5.

Aquelle que estiver lendo este Escrito, e disser: *Percebo muito bem o que nelle se quer dizer, naõ he porem verdadeiro o que nelle se diz*: defenda muito ambora o seu parecer, e refute, se pode, o meu. E se assim o fizer com charidade e verdade, e mo cõmunicar (caso que ainda viva) eu darei por muito bem empregado este meu trabalho. Que se mo naõ puder communicar, he do meu agrado e vontade tudo o que daquelle modo fizer.

S. Agost. Liv. da Trind. n. 5.

Obra protegida por direitos de autor

PARTE PRIMEIRA.

Da neceſſidade e do uſo dos chamados Actos de Fé, Eſperança, Charidade, e dos de outras virtudes Chriſtans.

§. 1.

Quaõ importante ſeja o acclarar, e bem eſtabelecer eſte ponto da Doutrina Chriſtãa.

A FE', a Eſperança, e a Charidade ſaõ a raiz, o alimento, o apoio, a fórma, e o valor de todas as obras, palavras, e penſamentos ſantos dos Chriſtãos; pois ſem a Fé, Eſperança, e Charidade naõ ſe pode, como ſe deve, vencer o peſo da concupiſcencia, que nos arraſta a obras, palavras, e deſejos vicioſos; porem nem ainda aquillo meſmo, que julgamos obrar, penſar, e dizer, levados do principio natural do que he honeſto, nós o fazemos, penſamos, e dizemos chriſtãmente, e com direcçaõ á vida eterna; antes as mais das vezes tudo aquillo vai viciado com os depravados fins da vãa gloria, do intereſſe, ou da propria complacencia: pelo contrario por meio daquellas virtudes, principalmente quando ſaõ grandes e adultas, o homem ſe levanta acima de ſi; e

Obra protegida por direitos de autor

vindo a ser hum homem novo, entaõ obra, penſa, e falla ſegundo Deos quer, animado de huma verdadeira juſtiça e ſantidade. A' viſta diſto bem ſe vê que nada ha, que ſeja mais intrinſeco, e eſſencial á vida Chriſtãa, do que o exercicio deſtas virtudes theologaes; as quaes, fallando propriamente, ſaõ as que conſtituem a ſua vida, e eſpirito.

Só eſta conſideraçaõ baſta para moſtrar, quaõ louvavel ſeja o deſvelo verdadeiramente paternal e paſtoral daquelles grandes Prelados da Igreja de Deos, que com inſtancia e extraordinario zelo recõmendaraõ aos Paſtores da ſegunda ordem, como tambem aos outros Miniſtros da palavra divina, o enſinarem aos povos, e inculcarem-lhes com todo o cuidado o exercicio deſtas virtudes, muito principalmente neſte tempo, em que vemos quaõ resfriada ſe acha a charidade de muitos, quaõ debil o lume da fé, e quaõ enfraquecida a eſperança dos bens eternos. (*a*).

Porem iſto moſtra, ao meu ver, quaõ importante ſeja que os Parrocos, e os Pregadores eſtejaõ cabalmente inſtruidos em huma materia taõ intereſſante, e que he o amago da Moral Evangelica. Com effeito, como poderá ſer ajudada e conſolada a charidade dos noſſos Santos Prelados, em hum ponto taõ eſſencial, pela diligencia e trabalhos, ainda os mais inceſſan-

(*a*) Vejaõ-ſe as Encyclicas de Benedito XIV aos Biſpos de Italia em 7 de Fevereiro de 1742, §. 18, e em 26 de Junho de 1754, §. 4; e o Decreto da Sagrada Congregaçaõ das Indulgencias em 28 de Janeiro de 1756, impreſſo no fim do Catheciſmo da Igreja de Breſcia por baixo das Fórmulas dos Actos das Virtudes Theologaes, copiadas das que ſe imprimiraõ em Roma a 16 de Maio de 1764, por ordem de S. Eminencia o Cardeal Molini, Biſpo vigilantiſſimo.

Obra protegida por direitos de autor

santes, dos Parrocos, e dos Pregadores; se estes naõ tiverem mais que huma idea superficial e confusa da solida doutrina das Escrituras, dos Padres, e da Igreja nesta materia? Se naõ tiverem a verdadeira chave deste, para assim o dizer, misterio do novo Testamento, para entrarem nelle, naõ só elles, mas tambem fazerem entrar os povos, que regem? Eu, pela estimaçaõ que faço dos Pastores, e Pregadores, estou certo que a maior parte delles possuem abundantemente a doutrina e luzes necessarias: Porem ainda que me viesse ao pensamento o recear, que em alguns delles faltasse alguma luz mais clara, e algumas ideas mais solidas e exactas nesta materia; todavia creio, que ainda assim naõ ferei reprehendido por aquelles que reflectirem, que devendo muitos dos Pastores e Pregadores recorrer aos Livros dos Theologos Escolasticos, que tratað desta materia, para alli se instruirem nella segundo o methodo das Escólas; he impraticavel que alli naõ encontrem aquella mesma obscoridade, que os mesmos Theologos Escolasticos encontraraõ em huma tal materia; e que porisso vieraõ a ser taõ discordes nos seus pareceres, que (como já advertio o celebre Lambertini, entaõ Cardeal Arcebispo de Bolonha, e ao depois com tanta utilidade da Igreja Pastor universal da mesma, na Notificaçaõ 72, n. 22) *naõ ha talvez outra questaõ na doutrina moral, em que tanto entre si fossem contrarios os Authores.*

Porisso hei ha muito tempo desejado, que algum Theologo verdadeiramente douto, emprendesse acclarar este ponto, e procurasse desvanecer por huma vez a causa daquella obscu-

Obra protegida por direitos de autor

ridade, que faz com que os Escolasticos sejaõ taõ discordes nesta materia; e que desembaraçando-a de todas as disputas, a fizesse clara, luminosa, plana, e intelligivel ao Povo para a sua verdadeira, completa, e, quanto possivel fosse, util instruçaõ. E porque naõ me tem chegado á noticia que haja algum, que o tenha feito, ou o intente fazer; poriſſo procurei fazelo, como milhor pudesse, expondo nesta materia os meus pensamentos, naõ como doutrina, (pois naõ chega a minha presumpçaõ a tanto, que cuide tenha posses para ensinar os que saõ Mestres em Israel) mas por fórma de *Parecer*, o qual naõ sómente sujeito ao infallivel juizo da Santa Madre Igreja, na qual intento viver e morrer como filho obediente, mas tambem a todo o Theologo illuminado, e zeloso da divina gloria.

§. II.

Obscuridade, que se encontra nos Theologos Escolasticos sobre este ponto.

NAÕ ha cousa taõ recõmendada, quasi em todas as paginas da Sagrada Escritura, e especialmente nas do Novo Testamento, e tambem nos Padres, nos Concilios, e em todos os mais respeitaveis Monumentos da Santa Igreja de Deos, do que o he o exercicio da Fé, Esperança, e Charidade; e por tanto parece, que tantas e taõ divinas luzes, por toda a parte espalhadas, deveriaõ ter aclarado esta materia de modo, que nenhuma se devia achar nos Theologos, que fosse taõ luminosa, clara, e assentada. E com tudo ainda agora ouvimos dizer

Obra protegida por direitos de autor

ao grande Lambertini, *que talvez naõ haja questaõ alguma na doutrina moral, em que tanto fossem entre si contrarios os Authores.* Depois de hum tal testemunho he escusado entrar na miuda relaçaõ das opinioens differentes, em que se dividiraõ os Escolasticos acerca deste ponto. Isso naõ obstante daremos dellas huma amostra, para se ver quaõ necessario seja o pôr em claro hum artigo taõ fundamental.

Antes das condenações feitas por Alexandre VII, Innocencio XI, e Alexandre VIII, os Escolasticos, como todos sabem, haviaõ cahido em erros vergonhosos. Entre elles houve quem affirmou, naõ ter o homem, em todo o decurso da sua vida, obrigaçaõ alguma de fazer hum só Acto de Fé, Esperança, e Charidade, em virtude dos preceitos divinos, que dizem respeito destas virtudes (*a*): e que ninguem estava obrigado a amar a Deos seu ultimo fim, nem no principio, nem no decurso da sua vida mortal (*b*). Outro pensou, que se naõ devia, sem mais nem mais, condenar a peccado mortal aquelle, que em toda a sua vida fizesse só hum Acto de amor de Deos (*c*): Que pelo que toca a Fé, dessa naõ ha preceito especial, em quanto a ella (*d*): Que ao muito basta fazer hum Acto de Fé na vida (*e*): Que basta ter crido huma vez nos Misterios da Trindade, e da Incarnaçaõ (*f*): Que por outra parte he capaz de absolviçaõ aquelle, seja qual for a sua ignorancia a respeito destes misterios, ainda que o seja com negligencia culpavel (*g*): Que pelo que

(*a*) Prop. 1. cond. por Alex. VII. (*b*) Prop. 1. cond. por Alex. VIII. (*c*) Prop. 5. cond. por Innoc. XI. (*d*) Prop. 16. cond. por Innoc. XI. (*e*) Prop. 16. cond. por Innoc. XI. (*f*) Prop. 65. cond. por Innoc. XI. (*g*) Prop. 64. cond. por Innoc. XI.

Obra protegida por direitos de autor

reſpeita ao preceito do amor divino, eſſe naõ obriga, ſenaõ quando precizamos de nos juſtificar, e naõ temos para iſſo outro caminho (*a*): Que finalmente ao muito obriga cada cinco annos, mas que he provavel que naõ haja preceito rigoroſo, nem ainda em cada quinquennio (*b*).

Com tudo naõ era antiga eſta cegueira dos Eſcolaſticos. Veja-ſe o Azor, o qual juſtifica os Antigos, ao meſmo tempo que refuta os ſeus pareceres (*c*). Confeſſa que S. Thomaz enſina, obrigar o preceito do amor divino deſde o primeiro uſo da razaõ: Que ſegundo Scoto, Angelo, e Tabiena aquelle preceito obriga em todos os Domingos: Que ſegundo Soto obriga quando recebemos algum inſigne beneficio de Deos, e quando hum adulto recebe o Baptiſmo: Que ſegundo outros obriga no tempo de graves tentações, e ſegundo outros á hora da morte: Que ſegundo alguns obriga quando ſe recebe, ou ſe adminiſtra algum Sacramento, e com particularidade o da Euchariſtia. Naõ goſta do rigor deſtes, e conclue com o ſentimento da ſeptima propoſiçaõ condenada por Innocencio XI, eſtendendo-a tambem aos Actos de Fé, e Eſperança, poſto que mais acima (*d*) houveſſe fallado com mais moderaçaõ. Porem depois que ſe introduzio o Probabiliſmo foi muito difficultoſo, ainda depois das condenações feitas por Alexandre VII e Innocencio XI, o voltarem alguns Eſcolaſticos á ordem. Veja-ſe a condenaçaõ que fez Alexandre VIII no anno 1690 da referida propoſiçaõ; e veja-ſe tambem a cenſura do Cle-

ro

(*a*) Prop. 7. cond. por Inn. XI. (*b*) Prop. 6. cond. por Innoc. XI. (*c*) Inſt. Mor. P. 1. L. 9. c. 4. q. 1. (*d*) L. 8. c. 7. q. 6.

Obra protegida por direitos de autor

ro Galicano em 1700, e especialmente a que fez ás proposições 20, e 21; e a Carta do Cardeal Passionei ao P. Concina escrita em 22 de Dezembro de 1742, impressa no n. 4 no Appendix á Vida do mesmo P. Concina; e baste, pois naõ gosto muito de ler, e muito menos de comprar os livros dos Probabilistas.

No tempo presente, em que as materias Theologicas se tratað com maior luz e dignidade, tem-se horror daquellas proposições. Os Theologos, que tomaõ por guia, naõ a razaõ humana por si fraca, e alem disso obscurecida pelas paixoens, mas sim a luz das Santas Escrituras, e dos Padres, procuraõ affastar-se daquellas relaxaçoens. Isso naõ obstante, caminhaõ ainda assim com tanta incerteza nesta materia, que delles naõ se pode deduzir hum resultado claro, preciso, e determinado.

O P. Viva na sua Trutina das proposiçoens condenadas (*a*), conclue que devemos procurar fazer *bastantes vezes* estes Actos. *Devemos*, diz elle, *procurar fazer muitas vezes estes excellentissimos Actos*. Porem se lhe perguntarmos *quantas vezes*, naõ sabe dizer-nos cousa certa. Estabelece sim, que os devemos fazer no principio da vida, *com tanto que advirtamos nesta obrigaçaõ* (*b*), (condiçaõ notavel!) e tambem no fim da vida. Porem pelo que respeita no decurso da vida, traz varias opinioens; a saber, a de alguns que os mandaõ fazer em todas as Festas; a de outros, que só muitas vezes no anno; e a de outros que dizem bastar fazelos em

(*a*) Prop. 1. Alex. VII n. 7. *Ad hos præstantissimos actus eliciendos sæpe conari debemus.*

(*b*) Ib. *Dummodo homo ad hanc obligationem advertat.*

Obra protegida por direitos de autor

amar o noſſo Deos? E a iſto he que ſe chama ama-lo com todo o coraçaõ, com toda a alma, com todo o entendimento, e com todas quantas forças há? Qual he o Pai que ſe contente de ſer aſſim amado por ſeu Filho? Qual he o Eſpoſo que o ſoffra na ſua Eſpoſa? Saõ eſtes aquelles actos de amor, que elles exigem? Ficaráõ ſatisfeitos com demandarem taõ ſómente actos de amor taõ raros?

Poderia acreſcentar eſta alma, para ſua defeſa, o exemplo dos Santos, os quais naõ fizeraõ conſiſtir a ſua fé, eſperança, e charidade em taes formalidades e ceremonias, mas ſim em hum theor de vida, e em huma ſerie continua de penſamentos, palavras, e obras ſantas, regulado tudo pela luz da fé, ſuſtentado tudo com a alegria da eſperança, e animado tudo com o eſpirito da charidade.

Poderia acreſcentar a pratica da Santa Sede Apoſtolica, a qual quando examina as virtudes dos grandes ſervos de Deos, para os pôr nos Altares, naõ inquire ſe tem dito muitas vezes *eu creio*, *eu eſpero*, *eu amo*; mas ſim ſe pelo total das ſuas acçoens ſe manifeſta ter nelles havido a eminencia deſtas virtudes. Creio que o dito até aqui he ſufficiente, para eſtabelecer e moſtrar a difficuldade que ha, para ſe poder decidir a neceſſidade, e determinar a frequencia dos actos das virtudes Theologaes *tomados no ſentido dos Eſcolaſticos*: e juntamente para fazer palpavel, que a lingoagem dos Peripateticos, adoptada nas eſcólas, tem ſido a verdadeira cauſa da obſcuridade, em que ſe acha envolta huma materia, que por todos os titulos deveria ſer a mais clara, e preciſa.

§. VIII.

Obra protegida por direitos de autor

§. VIII.

He preciſo pois voltar á lingoagem da Eſcritura, da Tradiçaõ e do Povo: Que couſa ſejaõ os actos neſta lingoa. E primeiramente dos actos de amor.

NAÕ nos reſta pois outra couſa mais, do que voltarmos á lingoagem ſagrada das Eſcrituras, e da Tradiçaõ, e ás ideas ſimples e naturais, que ſe nos offerecem na lingoagem popular, quando ella trata deſtas virtudes. Comecemos pelo amor. Que couſa ha, que mais conhecida ſeja no mundo, do que eſte affecto? Que couſa ha, de que ſe poſſa fallar com mais ſegurança, e que ſeja de todos entendida? Baſta ſer homem, para entender que couſa ſeja amor; pois naõ ſe pode ſer racional ſem amar, e ſem ſentir que ſe ama, e ſem conhecer quais ſejaõ os effeitos deſte amor. Para que ſervem as expreſſoens embrulhadas de *habito e acto*; de *amor habitual e actual*; de *amor affectivo e effectivo, ſenſitivo e appreciativo, material e formal &c.* todas inventadas pelos Eſcolaſticos? Houve em tempo algum Pai, que fallaſſe deſte modo e com eſta lingoagem a ſeu Filho, ou Filho, que aſſim fallaſſe a ſeu Pai; ou Eſpoſo, que aſſim falaſſe á ſua Eſpoſa, e eſta a elle; ou que os que ſe amaõ, e os meſmos amigos fallaſſem aſſim entre ſi? *Ama-me do coraçaõ*, dirá o Pai ao Filho: *eu te amo bem do coraçaõ*, dirá o filho ao Pai; e com eſtas duas palavras ſe entendem baſtantemente, ſem recorrerem áquellas eſtranhas diſtinçoens, as quais em ſeu lugar veremos, que uſo poſſaõ ter. E ſe hum duvida

Obra protegida por direitos de autor

do amor do outro, naõ exigem ſómente hum *eu vos amo* de palavra, nem por eſcrito, (bem que muitas vezes ſe pedem eſtas expreſſoens por ternura) mas querem verdadeiras obras, iſto he, factos. Poriſſo neſſe caſo o Pai dirá ao Filho: Se me amas, obedece-me, guia-te pelos meus conſelhos, cuida em fazer-te homem, deixa o jogo, e aſſim no mais &c. Eisaqui os actos de amor que o Pai quer do ſeu Filho. Deſta lingoagem taõ natural uſou Chriſto. *Simaõ de Joaõ, amas-me tu? Sim, Senhor; vós ſabeis que eu vos amo. Apaſcenta o meu rebanho: quando fores velho eſtenderás as tuas mãos, e outrem te cingirá. Segue-me* (a). Eisaqui os actos, ou para milhor dizer, as obras de amor que Chriſto pede de Pedro em prova das ſuas proteſtaçoens de amor: que ſaõ, apaſcentar o rebanho, hir ao martirio, e ſeguir a Chriſto.

Dos actos de eſperança.

2.º QUEM ha que naõ ſaiba que couſa ſeja eſperança, e quais ſaõ os actos, que ella produz? Quem houve já mais que os reduziſſe a meras reflexoens internas? Quem ha que naõ comprehenda que huma viva eſperança de huma boa colheita faz o lavrador infatigavel, e ſoffredor das intemperanças do ar na cultura do ſeu terreno? Quem naõ ſabe que a eſperança de hum avultado ganho faz, com que os negociantes ſulquem o immenſo Oceano, e ſe exponhaõ ás ſuas tempeſtades? Quem naõ ſabe que os ſoldados com a eſperança do deſpojo, da gloria, e dos adiantamentos ſe abalançaõ ás ba-

ta-

(a) Joan. c. 21.

talhas as mais obſtinadas, e aos aſſaltos os mais perigoſos? Eſta he a lingoagem, com que diſcorrem os homens nos acontecimentos humanos: e deſta meſma lingoagem uſa Deos, quando nos falla da eſperança chriſtãa, e dos actos, que ella produz. Quem tem eſta eſperança, diz S. Joaõ (*a*), cuida em ſantificar-ſe. Pelo contrario os Filoſofos pagãos *naõ tendo eſta eſperança*, apezar de todos os ſeus bellos raciocinios, *ſe entregaraõ á impudicicia* (*b*). Os Chriſtaons porem vivem neſte mundo ſobria, juſta e piamente, porque eſperaõ a bemaventurada eſperança, e a vinda do grande Deos (*c*). E como diz em outra parte o Apoſtolo, por eſſa razaõ ſoffrem de boa vontade os trabalhos, e as detracçoens, porque eſperaõ no Senhor (*d*). Eisaqui os actos de eſperança, que a Eſcritura nos aponta: cuidar na propria ſantificaçaõ, viver com ſobriedade, com juſtiça, com piedade, e ſer invencivel em ſoffrer as maledicencias e as affliçoens.

Dos actos de fé.

3.º E A fé naõ ſerá igoalmente, do meſmo modo que o amor e a eſperança, hum affecto obrador? O Apoſtolo S. Joaõ diz, que eſta he a victoria, que vence o mundo: *A victoria*, diz elle, *que vence o mundo, he a noſſa fé* (*e*). E o Apoſtolo S. Paulo attribue á fé todas as obras boas: *repreſentando-nos*, diz elle aos Theſſalonicenſes, *as obras da voſſa fé* (*f*): *Deos cumpre*, continua elle, *pelo ſeu poder todos os decre-*

(*a*) 1. Joan. c. 3. (*b*) Ad Eph. c. 4. (*c*) Ad Tit. c. 2. v. 13. (*d*) 1. Ad Tim. c. 4. v. 10. (*e*) 1. Joan. c. 5. v. 6. (*f*) 1. Ad Theſſ. c. 1. v. 3.

Obra protegida por direitos de autor

tos favoraveis da ſua bondade ácerca de vôs, e da obra da voſſa fé (*a*). Para dizer que as obras ſantas dos Romanos, dos Coloſſenſes, e dos Theſſalonicenſes ſaõ em toda a parte celebradas, diz que a fé dos fieis deſtas Cidades he annunciada por todo o mundo (*b*): que ſe derramou por toda a parte (*c*): que elle o ouvio recõmendar, e que diſſo dá graças a Deos (*d*): que elles tem vindo a ſer o modello de todos os que crem (*e*). E aſſim, ſegundo S. Paulo, ſaõ palavras ſynonimas o crer, e viver ſantamente: nem quer, nem reconhece outra juſtiça, ſe naõ a que naſce da fé (*f*). Oh', e quaõ differentes ſaõ eſtes actos de fé dos dos Eſcolaſticos! Oh', e quaõ differente he a lingoagem das Eſcrituras da das Eſcólas! As obras ſantas he que ſaõ os actos da verdadeira fé, e por aquellas he que ella ſe faz patente: *a cõmunicaçaõ da fé faz-ſe evidente nas moſtras de toda a obra boa*: ſem as obras a fé he fingida, he morta, he huma arvore pintada, ou ao menos ſecca.

§. IX.

As Virtudes Theologaes naõ ſaõ virtudes puramente interiores, e que naõ tenhaõ outros actos próprios, ſenaõ os internos, mas influem em todos os actos internos e externos do Chriſtaõ.

DO que havemos dito, qualquer, como creio, comprehenderá quaõ differente he a idea que neſte lugar nos daõ os Eſcolaſticos deſtas ſantas vir-

(*a*) 2. Ad Theſſ. c. 1. v. 11. (*b*) Ad Rom. c. 1. v. 8. (*c*) Ad Theſſ. c. 1. v. 8. (*d*) Ad Col. c. 1. v. 6. (*e*) 1. Ad Theſſ. c. 1. v. 7. (*f*) Ep. ad Rom. & ad Gal.

Obra protegida por direitos de autor

virtudes, daquella, que nos daõ as divinas Eſcrituras. Os Eſcolaſticos moſtrando que naõ conhecem outros actos deſtas virtudes, alem daquelles, que ſe formaõ puramente com o coraçaõ, e ao muito ſe exprimem com a boca, e que alem diſſo mais particular e formalmente exprimem a adheſaõ do entendimento ás verdades reveladas, á expectaçaõ da vida eterna, e o apêgo da vontade ao ſeu ultimo fim; no-las preſentaõ como virtudes puramente internas, que naõ influem propria e univerſalmente ſobre toda a totalidade dos penſamentos, diſcurſos e obras chriſtãas, para aſſim as produzirem, e darem-lhe a fórma, o valor, e o caracter de chriſtãas; mas tamſómente como virtudes, que produzem ſó actos internos aſſaz limitados, e cujo uſo e frequencia ſe naõ pode bem, e verdadeiramente determinar por via da authoridade.

Quaõ diminuta fica a mageſtade e divina grandeza deſtas virtudes, propoſtas deſte modo! Naõ he aſſim que no-las propõem os livros ſagrados. Eſtes nos moſtraõ neſtas virtudes, em ſubſtancia, a graça do ſegundo Adaõ, a qual renova e levanta acima de ſi a natureza do primeiro Adaõ; deſpoja o homem do homem velho, e o reveſte do homem novo; que deſtroe o velho, e cria o novo em verdadeira juſtiça e ſantidade; aquella meſma graça, que faz com que o homem viva, mas já naõ elle, mas ſim Chriſto nelle; e que he quem muda os ſeus deſejos e os ſeus amores, amortecendo a concupiſcencia das couſas tranſitorias; e de mais a mais conduzindo o homem ao odio evangelico de ſi meſmo, e do mundo; ao deſpreſo do ouro, ao aborrecimento dos prazeres ſenſuais, ao vili-

pen-

Obra protegida por direitos de autor

pendio das honras; excitando nelle maravilhosos, e ineffaveis gemidos e desejos da justiça e da vida eterna, e de tudo aquillo, que o mundo aborrece, como he a pobreza, os soffrimentos, as calumnias, e por fim a morte. Os mesmos livros sagrados mostraõ-nos na fé, esperança, e charidade a origem e o manancial das oraçoens, das esmolas, do perdaõ das injurias, da paciencia, do amor fraterno, da fugida do Seculo, das austeridades; em huma palavra, de tudo o que he exercicio verdadeiro, e sem hypocrisia, do que prescreve a Religiaõ e o Evangelho. Seria superfluo mostrar isto, bastando para isso o que já fica dito, e podendo cada hum facilmente encontra-lo nos livros sagrados, e muito principalmente nos do Novo Testamento. Porem para despir as preoccupaçoens, que se tem inveterado, ainda os entendimentos os mais arrazoados precisaõ de ajuda e soccorro; porisso trarei outras provas disto bem convincentes.

§. X.

Mostra-se isto primeiramente a respeito da fé. E como se deva entender o que dizem os Escolasticos, que ella se deve renovar muitas vezes.

VAMOS pois a ver quais saõ os actos, que o Apostolo attribue a fé, e se elle se restringe a fazer-lhe dizer tamsómente com o coraçaõ: *Eu creio.* Leamos tamsómente o famoso Capitulo 11 da Epistola aos Hebreos, que he muito bastante. „ Pela fé, diz elle, he que Abel offerecia a „ Deos huma victima mais excellente, do que „ Cain: pela fé Henoch foi trasladado do mun-

„ do

„ do para naõ morrer: pela fé Noé ſalvou-ſe
„ a ſi e a ſua familia na Arca, e ſe conſtituio
„ herdeiro da juſtiça, que naſce da fé: pela fé
„ Abrahaõ ſe moſtrou prompto para largar a
„ ſua patria, partindo, ſem ſaber para onde,
„ para procurar alli a herança: pela fé ſe dei-
„ xou ficar na terra, que lhe tinha ſido pro-
„ mettida, como n'uma terra eſtrangeira, habi-
„ tando debaixo de humas tendas com Iſaac e
„ Jacob, que haviaõ de ſer com elle herdeiros
„ da promeſſa: pela fé tambem he que Sara,
„ ſendo eſteril, veio a ſer fecunda na ſua ve-
„ lhice: pela fé todos eſtes morreraõ conten-
„ tes, ſem terem recebido os bens, que Deos
„ lhes promettera, mas vendo-os, e como fau-
„ dando-os de longe: pela fé he que Abrahaõ
„ ſacrificou Iſaac, ſeu filho unico, e unico
„ fundamento das promeſſas: pela fé he que
„ depois de naſcido Moiſés, o tiveraõ ſeus pais
„ eſcondido tres mezes, ſem temerem o edicto
„ do Rei: pela fé he que Moiſés, depois de
„ grande, declarou que naõ era filho da filha
„ de Faraó, eſtimando mais ſer afflicto com o
„ povo de Deos, do que gozar do deleite tranſi-
„ torio do peccado; julgando que o opprobrio de
„ JESUS Chriſto era hum mais precioſo the-
„ ſouro, do que as riquezas do Egypto: pela fé
„ he que elle deixou o Egypto, ſem recear o
„ furor do Rei: pela fé he que elle celebrou
„ a Paſcoa, e fez a aſperſaõ do ſangue, e ſal-
„ vou com ella os primogenitos do Egypto, os
„ quais pela meſma fé paſſaraõ a pé enxuto o
„ mar vermelho; o que foi a ruina dos Egy-
„ pcios, que quizeraõ tentar a meſma paſſa-
„ gem: pela fé he que os muros de Jericó ca-
„ hi-

Obra protegida por direitos de autor

„ hiraõ por terra : pela fé he que Raab mulher „ meretriz naõ pereceo com os incredulos. Que „ mais direi eu ? Faltar-me-ha o tempo ſe eu „ quizer fallar de Gedeaõ , de Barac , de Sam- „ ſaõ , de Jephte , de David , de Samuel , e dos „ Profetas , que pela fé conquiſtaraõ os Rei- „ nos , cumpriraõ as obrigaçoens da juſtiça , „ alcançaraõ o effeito das promeſſas , taparaõ a „ boca aos Leõens , ſuſpenderaõ a violencia do „ fogo , evitaraõ o fio das eſpadas , foraõ vale- „ roſos na guerra , desbarataraõ os exercitos „ eſtrangeiros. Huns foraõ cruelmente ator- „ mentados , naõ querendo reſgatar a ſua vida „ preſente , a fim de acharem huma milhor na „ reſurreiçaõ : outros ſoffreraõ ludibrios , e „ açoutes , e cadeas e prizoens ; foraõ apedre- „ jados , foraõ ſerrados pelo meio , foraõ ten- „ tados , foraõ mortos ao fio da eſpada ; elles „ andaraõ vagabundos , cobertos de pelles de „ ovelhas , e de cabras , neceſſitados , anguſti- „ ados , affligidos , errantes nos deſertos , e nos „ montes , eſcondendo-ſe nas covas , e nas ca- „ vernas da terra. „ Eisaqui huma pintura da fé , digna de hum author divino , e que ſe vê com todo o ſeu colorido.

Aqui naõ ſe vê huma fé minina e debil , que naõ ſabe fazer outra couſa mais , que dizer : *Eu creio eſta e aquella verdade* : mas huma fé adulta , grande e robuſta , que vence a avareza , e offerece a Deos victimas precioſas : que ſantifica o homem até faze-lo digno que Deos o tranſporte deſte mundo antes de morrer : que deſapega os homens das ſuas patrias , e os conduz a paizes incognitos : que faz com que ſuffoquem a violencia do amor paterno , do temor

dos

Obra protegida por direitos de autor

dos Principes, da ambiçaõ das Cortes, da cubiça dos theſouros, e dos horrores dos mais grandes perigos, dos ſupplicios os mais crueis, da meſma morte, e de huma vida ainda mais miſeravel, que a meſma morte: que naõ produz actos de meros penſamentos e palavras, que quaſi nada cuſtaõ, mas obras reaes, e dignas da eminencia do Chriſtianiſmo.

Tem muita razaõ os Eſcolaſticos, quando inculcaõ a renovaçaõ amiudada da fé, e principalmente na hora da morte, e quando ha tentaçoens graves. Porem para ſe enſinar tudo, quanto he preciſo para huma completa inſtrucçaõ neſta materia, he preciſo ſahir dos limites, a que elles ſe reſtringem. Todos os actos do Chriſtaõ para ſerem verdadeiramente Chriſtãos, devem proceder da fé: a fé he que os hade produzir, e a fé he quem os hade dirigir: ſem a fé he impoſſivel que penſamento algum, palavra, ou obra deliberada agrade a Deos: naõ ha juſtiça alguma chriſtãa, que naõ venha da fé, nem o juſto pode viver de outra parte, que da fé. E aſſim naõ baſta dizer que he preciſo fazer actos de fé muitas vezes; he preciſo enſinar, que todos os actos do entendimento, e da vontade, que todos os penſamentos, todas as palavras, e todas as obras devem ſer produzidas pela fé.

Dizem ultimamente, que he util e neceſſario deſpertar muitas vezes a lembrança das verdades reveladas. A Eſcritura no-lo inculca em mil lugares. Mas he preciſo que elles desfaçaõ os equivocos, com que fallam. Eſta renovaçaõ de fé naõ ſe deve fazer *por modo de adheſaõ* ás verdades reveladas, dizendo: *Eu creio eſta e aquella verdade*; porque a adheſaõ já ſe ſuppõe

em

Obra protegida por direitos de autor

Porque primeiramente as meſmas peſſoas inſtruidas naõ podem deixar de entrar em huma racionavel inquietaçaõ ſobre a moral certeza, que devem ter, de haverem cumprido com o preceito deſtes actos, o qual ſe lhes propõe como grave, e debaixo da pena da condenaçaõ eterna; vendo ao meſmo tempo que aquelles, que inculcaõ a ſua gravidade, de nenhum modo ſabem fixar os tempos, em que ſe deve cumprir, mas antes ſaõ contrarios entre ſi nos ſeus pareceres, como já ſe vio. Porem com quanta mais razaõ ſe inquietam as peſſoas ſimples e idiotas? Conhecem muito bem iſto os Parrochos, e outros que ſe applicaõ á direcçaõ das almas. Os que já ſaõ velhos ficaõ perturbados, por naõ terem ouvido explicar huma ſemelhante doutrina na ſua mocidade, e aſſim ficaõ na anxiedade do juizo, que ſe deve fazer a reſpeito da vida paſſada, na qual naõ exerceraõ ſemelhantes actos, dos quais entaõ naõ tinhaõ noticia: Outros vendo apparecer de quando em quando novas formulas, as quais ſe propõem como unicas e verdadeiras por aquelles, que as eſpalhaõ, entraõ no receio do valor das primeiras até entaõ uſadas; do que temos hum bem freſco e eſtrondoſo exemplo, alem de outros, acontecido em certo paiz: Outros enchem-ſe de pena por naõ poderem decorar ſemelhantes formulas, para uſarem dellas, e iſſo ou por falta de inſtrucçaõ, ou pela ſua ruſticidade natural.

Eſte inconveniente, que naõ he pequeno, fica inteiramente deſvanecido, todas as vezes que ſe explique naturalmente a verdadeira doutrina da Igreja. Por quanto dizendo-ſe ao Po-

Obra protegida por direitos de autor

vo que he preciſo dirigir tudo o que ſe penſa, ſe diz, e ſe faz para gloria de Deos, e que iſto he hum continuo exercicio de fé, eſperança, e charidade, o qual por huma parte he neceſſario, e pela outra he ſufficiente para cumprir os preceitos divinos; entaõ aſſim como ſe naõ liſongeam as conſciencias com a idea de huma falſa juſtiça, aſſim tambem naõ ſaõ perturbadas com temores falſos. Deſte modo todos percebem, todos ficaõ perſuadidos, todos ficaõ com luzes para verem qual he aquillo, em que verdadeiramente tem faltado; todos ficaõ ſocegados ſobre a omiſſaõ do uſo das fórmulas, as quais faõ uteis e recõmendaveis, como veremos, das quais porem naõ ha preceito algum, como já temos viſto.

§. XV.

Que por outra parte os meſmos Eſcolaſticos confirmaõ a doutrina, que havemos eſtabelecido, acerca do ſentido amplo, que ſe deve dar á palavra Actos. Que eſte he em ſubſtancia o meſmo parecer e doutrina de S. Thomaz.

HE tempo de juſtificar os Eſcolaſticos, contra os quais hei até aqui tomado partido, como prometti no §. antecedente n. 3. Tenho dito, e he verdade, *que nos lugares onde os Eſcolaſticos modernos tratãõ da neceſſidade dos actos das virtudes theologicas*, elles tomaõ a palavra *Actos* em hum ſentido differente daquelle, que exprime a lingoagem da Eſcritura, dos Padres, da Igreja, e do povo; e aquelle ſeu ſentido he por el-

Obra protegida por direitos de autor

elles demaſiadamente reſtringido, e limitado, como já moſtramos no §. V. Daqui naſce a grande obſcuridade que elles encontraõ neſta doutrina tam eſſencial, e que os faz ficar, olhados cada hum de per ſi, perplexos, e comparados huns com os outros tambem entre ſi diſcordes, como já ſe vio no §. II. Eſte ſentido aſſim e daquella maneira reſtringido e attribuido á palavra *Actos*, reduzindo eſtes a meras reflexoens, conceitos e proteſtaçoens, ſeparadas de tudo o que tende á obſervancia dos mais preceitos, dá huma muito fraca idea das virtudes Theologaes; propondo-as como ſenaõ influiſſem em todos os penſamentos, palavras e obras do Chriſtaõ; idea inteiramente contraria á que nos daõ as Eſcrituras, e os Santos, os quais apregoaõ os maravilhoſos effeitos das virtudes Theologaes: Aquelle meſmo ſentido attribuido á palavra *Actos* fortifica a diſtincçaõ chimerica dos dois amores *effectivo e affectivo*; e enfraquece por extremo a idea, que ſe deve ter da juſtiça chriſtãa, como ſe moſtrou deſde o §. VI. até aqui. Tudo iſto he a meſma verdade. Porem ſe os ſobreditos Eſcolaſticos aſſim penſaõ *naquelle lugar dos ſeus Tratados*, nem poriſſo aquelles digniſſimos Eſcritores deixaõ de dizer em outros lugares aquillo meſmo, que eu aqui pertendo; e aſſim, no que he ſubſtancial e eſſencial, concordaõ perfeitamente cómigo neſſes meſmos lugares. Naõ ſe trata aqui de juſtificar os Eſcolaſticos mais antigos, e principalmente o Doutor Angelico, cuja doutrina neſte particular naõ he menos ſolida do que luminoſa; trata-ſe ſim de juſtificar aquelles modernos, de que fiz mençaõ no §. II, os quais eu

Obra protegida por direitos de autor

pareço ter em vista nesta minha obra ; bem que para elles eu tenha hum summo respeito , bem merecido pela sua profunda doutrina , e pelo zelo , com que tem pugnado pela verdadeira e sãa Moral.

O dignissimo e zelosissimo P. Concina justifica-se a si , e a outros mais plenamente no fim do tratado da necessidade dos actos de charidade com as palavras seguintes , que perfeitamente provaõ o que eu pertendo.

„ Quero que por fim advirtas (o que já „ advertiraõ outros Theologos , como Carde- „ nas , Lorca , Leandro) que os Catholicos que „ saõ de boa vida cumprem facilmente este pre- „ ceito da charidade. Por quanto *muitos delles „ todos os dias fazem actos de charidade* ainda „ sem o advertirem. Pois *posto que façaõ aquelles „ actos quando exercitaõ outras virtudes , com „ tudo assim mesmo praticados saõ sufficientes para „ cumprirem o preceito de que tratamos.* Com ef- „ feito os fieis que rezaõ devotamente o Padre „ Nosso , amaõ a Deos : pois pedem que seja „ o seu nome sanctificado : amaõ tambem a „ Deos , quando por amor delle socorrem os „ pobres , quando soffrem alegremente as inju- „ rias , que se lhes fazem , quando mortificaõ „ o seu corpo com jejuns : e finalmente amaõ „ a Deos *os que observaõ exactamente os preceitos „ da lei* , e cumprem com diligencia as obriga- „ çoens do seu estado (*a*).

Naõ

(*a*) Differt. 4. de char. c. 9. n. 13. *Ultimo observes velim , (quod etiam animadvertunt Cardenas , Lorca , Leander) catholicos bene moratos facillime implere hoc mandatum charitatis. Plures siquidem quotidie charitatis actus edunt , etiam non advertentes. Quandoquidem licet eliciantur ob aliarum virtutum exercicia , sa-*

tis

Obra protegida por direitos de autor

Naõ ſe podia deſejar huma paſſagem que mais clara foſſe, para ſe vêr, que, em ſubſtancia, elle he do meſmo ſentimento em tudo o que eu pertendo. Eisaqui temos os Actos da charidade tomados em hum ſentido natural, e popular, e conformes á Eſcritura, Padres, e Igreja. Eſtes actos já naõ ſaõ meros penſamentos, exprimidos com palavras formuladas ſegundo as regras dos Eſcolaſticos, e deſacompanhadas de obras: ſaõ ſim oraçoens chriſtãas; ſaõ eſmolas, perdaõ das injurias, maceraçoens da carne, cumprimento das obrigaçoens do proprio eſtado; ſaõ, em huma palavra, huma verdadeira obſervancia do Evangelho. Com bem o digamos: já lhe naõ faz eſcrupulo o meſmo termo dos Eſcolaſticos (*elicere*), iſto he, *fazer*, do qual ſe ſervem para exprimirem os actos de charidade, e de tal ſorte proprios da charidade, que ſenaõ poſſaõ attribuir a outra qualquer virtude; pois os meſmos Eſcolaſticos querem que os actos das mais virtudes ſaõ ſim *mandados* (*imperati*) pela charidade, mas naõ ſaõ *feitos* (*eliciti*) pela meſma, como he doutrina de S. Thomaz. Iſto porem naõ importa ao P. Concina. Pois, ſegundo elle diz, aquellas obras ſaõ actos de charidade, poſto que ſe *façaõ* (*eliciantur*) *para cumprir com o exercicio das mais virtudes, e por iſſo*, diz elle, *ſaõ ſufficientes para cumprir o preceito da frequencia dos actos de charidade*.

---

tis ſunt ad implendum mandatum. Porro fideles, qui devote recitant Precationem Dominicam, Deum amant; cum, ut ſanctificetur ſanctiſſimum nomen illius, orent: Deum amant, cum ob illius amorem pauperibus ſuccurrunt, injurias ſibi illatas hilari fronte perferunt, corpus jejuniis macerant; qui denique præcepta legis exacte ſervant, & propriæ profeſſionis penſum impigre ſolvunt.

Obra protegida por direitos de autor

ridade. E tem razaõ, pois quer elles ſejaõ *feitos* (*eliciti*), quer ſejaõ *mandados* (*imperati*), (com que ſenaõ embaraça nem a Eſcritura nem os Padres) ſaõ verdadeiramente e realmente aquelles actos produſidos pela charidade. Eſſa meſma charidade, ſegundo diz o meſmo Concina (*a*), he o principio de todos aquelles actos, que merecem a vida eterna, o que elle aprendeo em S. Thomaz. Peloque todos os actos de todas as virtudes chriſtãas ſaõ ao meſmo tempo actos de charidade: porque ſaõ actos de huma virtude particular, em quanto tem na pratica hum objecto particular proprio daquella virtude; porem ſaõ tambem ao meſmo tempo actos de charidade, em quanto ſaõ produzidos pelo geral motivo deſta virtude, que move o homem a tender para o ſeu ultimo fim. E aſſim (pelo menos em quem tem a charidade) todas as virtudes ſaõ a meſma charidade, diverſificada ſegundo os ſeus differentes objectos, como enſina S. Agoſtinho (*b*): *Naõ teria duvida de affirmar*, diz elle, *que a virtude naõ he outra couſa mais do que hum ſummo amor de Deos: Porque a diviſaõ da virtude em quatro eſpecies, quanto a mim, divide-ſe aſſim pela varia affeiçaõ do meſmo amor... Pelo que podemos definir aſſim aquel-*

(*a*) Loc. cit. cap. 2. n. 3.

(*b*) L. 1. de Mor. Eccl. cath. c. 17. *Nil omnino eſſe virtutem affirmaverim, niſi ſummum amorem Dei. Namque illud, quod quadripartita dicitur virtus, ex ipſius amoris vario quodam affectu, quantum intelligo, dicitur... Quare definire etiam ſic licet: ut temperantiam dicamus eſſe amorem Deo ſeſe integrum incorruptumque ſervantem: fortitudinem amorem omnia propter Deum facile perferentem: juſtitiam amorem Deo tantum ſervientem, & ob hoc bene imperantem ceteris, quæ homini ſubjecta ſunt: prudentiam amorem bene diſcernentem ea, quibus adjuvetur in Deum, ab iis, quibus impediri poteſt.*

Obra protegida por direitos de autor

aquellas coatro especies, se dissermos, que a temperança he o amor, com que inteira e incorruptamente nos conservamos para Deos: que a fortaieza he o amor de soffrer tudo voluntariamente por Deos: que a justiça he o amor que taõ somente serve a Deos, e porisso governa bem os outros, que lhe estaõ sujeitos: que a prudencia he o amor que sabe discernir aquellas cousas, que o levaõ para Deos, das que o impedem disso.

De tudo isto tambem se segue que se estes verdadeiros actos saõ sufficientes para cumprir com o preceito da charidade, esses mesmos saõ ao mesmo tempo sufficientes para cumprir com o preceito da fé e da esperança. Porque onde está a charidade ahi tambem está necessariamente a fé e a esperança; pois que, como ensina S. Thomaz (*a*): *A charidade de nenhum modo pode estar sem a fé e a esperança.* E S. Agostinho diz (*b*): *Que onde está o amor, ahi necessariamente se acha a fé e a esperança.* Veja-se o segundo consectario do cap. 14, onde o P. Concina mais extensamente, e com cores rethoricas, trata dos verdadeiros actos de charidade; os quais elle faz consistir nas obras, e onde elle tambem nos acautella das illusoens da falsa e feminil espiritualidade, que só preza a sensibilidade e as ternuras.

Naõ merece menos o fazer-se-lhe justiça, o Besombes. Este depois das passagens, que delle citamos no §. II., dá huma advertencia muito importante, e he a segunda, muito conforme aos meus sentimentos. Adverte pois, que nos de-

ve-

(*a*) 1. 2. q. 65. art. 1. in corp. *Charitas sine fide & spe nullo modo esse potest.*

(*b*) Tract. 83. in Ioan. *Vbi dilectio, ibi necessario fides & spes.*

Obra protegida por direitos de autor

vemos acautelar da hallucinaçaõ de ſubſtituirmos aos verdadeiros actos de amor os penſamentos ſem efficacia, ou palavras e expreſſoens ternas, porem ſó de boca, ou ainda meſmo ternuras cordiaes e ſenſiveis, porem ſem ſerem acompanhadas da obſervancia dos preceitos divinos. O amor, diz elle, he huma couſa mais ſolida: he hum movimento da vontade, que nos tranſporta para Deos: he hum pezo, que nos inclina para elle, e nos faz obſervar os ſeus mandamentos, ainda minimos. Eſte Author nos faz preſente o aviſo de S. Joaõ, de naõ amarmos ſomente com as palavras, e de lingoa: quer que julguemos do amor divino, como coſtumamos julgar do amor natural. O amor do amigo para com o ſeu amigo naõ ſe encerra, diz elle, em dizerlhe: *eu te amo*; porem quando ſe ama verdadeiramente tem-ſe goſto em lembrar-ſe delle, falla-ſe delle frequentemente, defende-ſe-lhe a ſua honra, procuraõ-ſe-lhe as vantagens, ſente-ſe triſteza com os ſeus deſaſtres, e ha alegria nas ſuas proſperidades. O amor da eſpoſa para com o marido e para os filhos, continua elle, naõ ſe reſtringe tambem em dizer-lhe taõ ſomente, e ainda meſmo do coraçaõ: *eu amo o marido, e os filhos*; mas ſim occupa-ſe toda em cuidar delles, em procurar-lhes a ſua ſatisfaçaõ e contentamento; em huma palavra, em lhes preſtar todos os officios de huma mãi amoroſa, e igualmente conſorte deſvelada e terna. Eisaqui pois temos tambem de acordo com o que diſſemos, os ſentimentos deſte digniſſimo Theologo.

Eſtaõ pois de acordo no meſmo todos os Theologos, que eu acima lembrei, e todos elles

ſaõ

Obra protegida por direitos de autor

saõ conformes em inculcarem a obrigaçaõ de obſervar a lei por motivo de charidade, e de ſe deverem referir todas as acçoens a Deos. E iſto vem a dar juſtamente em tudo o que pertendo eſtabelecer; e he, que o grande preceito do amor de Deos, que encerra o do amor do proximo, ſe cumpre naõ tanto com os actos dos Eſcolaſticos tomados no ſentido, que havemos expoſto, iſto he, com os penſamentos, reflexoens e proteſtaçoens; mas ſim com factos, iſto he, regulando e dirigindo todos os penſamentos, palavras e obras pela luz da fé, pelo apoio da eſperança, e pelas forças da charidade, e tudo iſto para o fim de obſervar a divina lei.

Por iſſo julgo que he preciſo vigiar cuidadoſamente neſta materia, para que naõ ſucceda ſeparar-ſe no amor divino nem o affecto das obras, nem as obras do affecto. O affecto ſem obras he huma illuſaõ: e as obras ſem affecto, iſto he, ſem a intençaõ e o motivo do amor, naõ ſaõ de modo algum amor, mas ſaõ ou temor, ou amor natural do honeſto, ou vaidade, ou intereſſe, ou outra couſa. Porem os penſamentos, palavras e obras, que ſaõ produſidas pelo affecto, pelo motivo, pela intençaõ do amor divino, ſaõ certamente verdadeiros actos de charidade, e ao meſmo tempo actos de eſperança e de fé: e ſaõ de mais a mais os unicos actos, que principalmente nos inculcaõ o Evangelho, as Epiſtolas Apoſtolicas, os Padres e a Igreja: e ſaõ alem diſſo actos naõ *implicitos*, mas *explicitos*, como he acto explicito do amor filial a amoroſa obediencia do Filho a tudo, o que ſeu Pai lhe manda.

§. XVI.

Obra protegida por direitos de autor

§. XVI.

Que em ſubſtancia iſto meſmo ho o parecer e a doutrina de S. Thomaz.

NAÕ ſerá fora do propoſito moſtrar, que o que havemos dito he tambem em ſubſtancia o ſentimento do Doutor Angelico. No lugar onde elle falla dos actos de charidade, nunca reſtringe a palavra *actos* aos penſamentos taõ ſomente e movimentos do coraçaõ exprimidos com palavras, e deſacompanhados dos penſamentos, palavras e obras dirigidos á obſervancia da lei divina, e limitados ſegundo a doutrina dos Eſcolaſticos, que fica expoſta no §. V. Antes pelo contrario o S. Doutor entende por actos de charidade todos os movimentos do homem, que pela charidade ſe podem dirigir ao ultimo fim, no que comprehende todos os penſamentos, palavras e obras virtuoſas: „ Porque a „ charidade, diz elle (*a*), tem por objecto o ul„ timo fim da vida humana, a ſaber, a felici„ dade eterna, por iſſo ella ſe eſtende a todos „ os *actos* de toda a vida humana por modo de „ imperio. E porque as obras ſaõ o principal entre os actos humanos, poriſſo falla eſpecialmente das obras (*b*): *He couſa manifeſta que a charidade, em quanto dirige o homem para o ultimo fim, he o principio de todas as obras boas, que ſe podem dirigir ao ultimo fim.* Tambem, ſegun-

(*a*) 22. 7. q. 23. art. 4. ad 2. *Quia charitas habet pro objecto ultimum finem humanæ vitæ, ſcilicet, beatitudinem æternam, ideo extendit ſe ad omnes Actus totius humanæ vitæ per modum imperii.*

(*b*) 1. 2. q. 65. art. 4. in corp. *Manifeſtum eſt, quod charitas, in quantum ordinat hominem ad finem ultimum, eſt principium omnium bonorum operum, quæ in finem ultimum ordinari poſſunt.*

Obra protegida por direitos de autor

so, porque naõ se póde compadecer com o affecto ao peccado mortal, nem ainda com o principio da verdadeira piedade e religiaõ, como he claro: hum semelhante jejum se acha expressamente reprovado por Deos nos Judeos, como se vê em Isaias, e em Joel; e alem disso he contrario ao espirito da Igreja, como se colhe da sua Liturgia, e muito principalmente do que se lê no Missal, quarta feira de cinza; e por consequencia hum tal jejum naõ se póde chamar christaõ.

Logo parece ser sem duvida que o peccador, que está obrigado ao jejum, deve em semelhantes dias depôr o affecto ao peccado mortal, e principiar ao menos finceramente a sua conversaõ. A proposiçaõ menor, que acima puz, he huma regra ensinada, e doutamente provada por Natal Alexandre com a Escritura, e Padres. A passagem de Isaias no cap. 58 he decisiva. Vendo os Hebreos daquelles tempos que eraõ afflitos com calamidades, haviaõ recorrido ao jejum, porem debalde. A' vista do que queixaraõ-se a Deos, dizendo-lhe (a): *Porque razaõ jejuando nós naõ puzestes em nós os olhos?* Deos mandou ao Profeta que levantasse a voz, á maneira de huma trombeta, para fazer conhecer áquelle povo, que a Deos naõ agrada o material do jejum, nem o effeito da abstinencia material, que he a prostraçaõ das forças corporaes, e o naõ poder segurar a cabeça com fraqueza. *Clama*, diz Deos ao Profeta (b), *e naõ*

(a) Isa. c. 58. *Quare jejunavimus, & non respexisti?*
(b) Ib. *Clama ne cesses, quasi tuba exalta vocem tuam .... Numquid tale est jejunium, quod elegi, per diem affligere hominem animam suam? Numquid conturbare quasi circulum caput suum, & saccum, & cinerem sternere? Numquid istud vocabis jejunium, & diem acceptabilem Domino?*

Obra protegida por direitos de autor

ceſſes, e levanta, á maneira de huma trombeta, a tua voz . . . Porventura o jejum que me he agradavel, ſerá que o homem afflija o ſeu corpo de dia? Será que gire em roda com a cabeça, e que ſe deite em ſacco e cinza? Chamarás a iſto jejum, e dia aceito ao Senhor? Eſta affliçaõ e humilhaçaõ exterior entaõ ſeria do agrado de Deos, ſe foſſe feita com o eſpirito interior da penitencia. Porem vós naõ tendes eſte eſpirito de compunçaõ. Antes pelo contrario, eu acho a voſſa vontade apegada ao peccado: *Eis ahi*, diz o Senhor (*a*), *que no meſmo dia do voſſo jejum ſe acha a ſatisfaçaõ da voſſa vontade.* Neſſe meſmo dia ha furtos, exaçoens crueis, litigios, contendas, bulhas: chega ao ceo o clamor dos voſſos peccados: Por iſſo, *naõ jejueis como até agora, para que o voſſo clamor ſeja ouvido lá no alto* (*b*). O jejum que eu quero, deve ſer acompanhado da verdadeira penitencia interior, que ponha remedio ás deſordens, ponha fim aos peccados, faça exercitar as virtudes, e principalmente a charidade para com os pobres: *Porventura*, diz o Senhor (*c*), *naõ ſerá antes o que eu vou a dizer, o jejum que me he agradavel? Solta as ligaduras da impiedade, livra os vexados . . . deſtribue o teu paõ ao que tem fome, e dá albergue em tua caza aos pobres, e vagabundos &c.* Naõ he menos forte Joel (*d*): *Peloque diz o Senhor, con-*

(*a*) Ib. *Ecce in die jejunii veſtri invenitur voluntas veſtra.*

(*b*) Ib. *Nolite jejunare ſicut uſque ad hanc diem, ut audiatur in excelſo clamor veſter.*

(*c*) Iſa. ſupr. *Nonne hoc eſt magis jejunium quod elegi? Diſſolve colligationes impietatis, ſolve faſciculos deprimentes . . . frange eſurienti panem tuum, & egenos, vagosque induc in domum tuam &c.*

(*d*) C. 2. v. 12. *Nunc ergo dicit Dominus: convertimini ad me in toto corde veſtro, in jejunio, et in fletu, et in planctu, et ſcindite corda veſtra, et non veſtimenta veſtra.*

Obra protegida por direitos de autor

vertei-vos para mim de todo o voſſo coraçaõ, no jejum, e no choro, e no pranto, e raſgai os voſſos coraçoens, e naõ as voſſas veſtes.

As paſſagens dos Santos Padres a eſte reſpeito ſaõ baſtantemente fortes: S. Baſilio diz „ „ Guarda-te de medires a utilidade do jejum ſó „ pela abſtinencia dos comeres. Pois o *verda-* „ *deiro* jejum he o eſtar apartado de todos os „ vicios . . . O que jejua deve *antes de tudo* ter „ hum coraçaõ contrito, e apartar de ſi todas „ as más concupiſcencias „ . . . Eis-aqui em que conſiſte o *verdadeiro* jejum, como diz S. Joaõ Chryſoſtomo: „ Juſtamente nos reprehenderáõ „ os infieis, e as más lingoas por culpa noſſa „ ſe levantaráõ, para detrahirem a religiaõ, ſe „ os coſtumes dos que jejuaõ forem diſcordan- „ tes da pureza, que deve haver na perfeita „ abſtinencia. Porquanto naõ ſe encerra o *noſſo* „ *jejum* ſómente na abſtinencia dos comeres: „ debalde, e ſem fruto ſe nega o mantimento „ ao corpo, ſe a alma ſe naõ apartar do que he „ máo: ſaõ palavras de S. Leaõ, e em outra parte diz „ A inſtituiçaõ Apoſtolica, que man- „ da jejuar quarenta dias, naõ ſe cumpre tam- „ ſómente com a abſtinencia e parcimonia dos „ comeres, mas *principalmente* com a privaçaõ „ dos vicios. Porque ſendo o fim deſta macera- „ çaõ cohibir os eſtimulos dos deſejos carnaes, „ eſtá bem claro, que *nenhum outro genero* de „ abſtinencia com mais cuidado ſe deve procu- „ rar, do que a *ſobriedade e abſtinencia da noſſa* „ *injuſta vontade*, e o izentar-nos de toda a „ acçaõ deſordenada. „

E pelo que toca á Igreja, he fóra de toda a duvida que a publicaçaõ, que ella faz do je-

jum,

Obra protegida por direitos de autor

jum, he ao meſmo tempo huma publica intimaçaõ da penitencia, em que devem entrar os fieis. Moſtra-ſe iſto com toda a evidencia pelas ſagradas cinzas, que a Igreja póe na cabeça dos meſmos fieis no principio do jejum da Quareſma; pelas oraçoens, com que acompanha aquella ſanta ceremonia; pelas liçoens que tira dos Profetas e do Evangelho, e pelos hymnos e collectas de toda a Quareſma (a).

O meſmo ſe deve dizer á proporçaõ tanto do jejum das Temporas, como do das Vigilias. E aſſim parece ſer couſa clara, que hum peccador, o qual nem ainda principia a deteſtar o ſeu peccado, mas antes continua no affecto, que tem ao meſmo; parece, digo, ſer couſa clara, que hum tal peccador reſiſte claramente á Igreja, fecha os ouvidos á voz publica da meſma, que o eſtá chamando ao arrependimento, e que por iſſo meſmo deve ſer tido por ethnico e publicano.

Comtudo porque ainda me naõ tem chegado ás mãos Theologo algum, que trate preciſamente eſte ponto, ao menos de propoſito; e tambem parece que S. Antonino diz alguma palavra contra o que proponho, poriſſo ſuſpendo o meu juizo, e deixo a averiguaçaõ de tudo a quem ſouber mais do que eu.

§. XXIII.

Como ſe devem referir as noſſas acçoens a Deos, para fugir do meſmo peccado venial, e tambem para obrar com perfeiçaõ.

PARECE ſer neceſſario, ou ao menos conveniente, para tratar cabalmente deſta materia, de-

(a) Quadr. Hymn. Mat. Hymn. Laud. Hymn. Veſp.

Obra protegida por direitos de autor

depois de haver-mos determinado o tempo, em que ſe devem referir as acçoens a Deos, para evitar-mos o peccado mortal; o ajuntarmos aqui algumas advertencias, para haver-mos de evitar ainda o meſmo peccado venial, e procurar-mos para as noſſas acçoens tudo o que as póde conduzir á ſua poſſivel perfeiçaõ, á qual nos promove o preceito da charidade. Talvez ſerá util aos Cathechiſtas o acharem aqui em breve, e em huma viſta de olhos, todas as principaes advertencias, que ſe devem propor aos fieis em huma materia taõ importante, e taõ pratica, e que ſe extende por todas as acçoens chriſtãas.

O fundamento e baſe deſtas advertencias conſiſtirá em fazer bem perceber ao povo, qual he a extençaõ do preceito do amor de Deos. As expreſſoens com que he propoſto eſte preceito ſaõ as mais efficazes, que ſe pódem empregar, para expreſſar hum amor, que ſe extende a todas as acçoens as mais piquenas, tanto internas como externas do homem, a todas as occaſioens, e a todos os momentos. *Amarás*, ſaõ as palavras do preceito, *ao Senhor teu Deos com todo o teu coraçaõ, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento, e com todas as tuas forças*: iſto naõ he *hum conſelho*, mas *hum preceito* e hum preceito *maximo e principal*. Alguns Theologos (ſem fallar dos que naõ reconheceraõ neſtas expreſſoens de tanta força preceito algum de amar a Deos) limitaõ eſte preceito ao unico objecto de naõ obrar couſa alguma contra Deos, iſto he, a naõ lhe antepôr couſa alguma creada, e julgaõ poderem fundamentar eſte ſeu parecer com a authoridade do Doutor Angelico. Porem ſe em alguns lugares parece dizer o San-

to

Obra protegida por direitos de autor

to Doutor, que a perfeiçaõ da charidade, iſto he, o amar perfeitamente a Deos, naõ he do preceito, já vimos tambem que, ſegundo o ſeu modo de fallar, iſſo naõ quer dizer, que amando-ſe a Deos com huma tibieza voluntaria, ſe naõ peque nem ainda venialmente, mas tamſómente que ſe naõ pecca mortalmente (a). Elle explica iſto claramente neſtas palavras (b); *Aquelle, que neſta vida naõ cumpre com eſte preceito, naõ obrando todavia couſa alguma contra o amor divino, naõ pecca mortalmente.*

Por outra parte o Santo Doutor confirma o ſentimento de S. Agoſtinho ſeu Meſtre, e he, que o preceito da charidade encerra huma taõ grande perfeiçaõ, que ſe naõ póde cumprir neſta vida: e que iſſo naõ obſtante, o preceito de amar a Deos perfeitamente nos he impoſto ainda meſmo neſta vida. O Santo Doutor naquella meſma queſtaõ cita expreſſamente a paſſagem de S. Agoſtinho no livro *Da perfeiçaõ da juſtiça* contra a 17 objeçaõ de Celeſtio, onde diz, que eſte preceito naõ ſe cumpre ſenaõ no ceo, aonde a charidade ſerá plena; e que com tudo tambem nos he poſto o meſmo preceito neſta vida, para que ſaibamos qual he o termo a que ſe deve encaminhar todo o curſo deſta vida. Iſto meſmo torna a repetir S. Agoſtinho contra os Pelagianos, fallando aſſim (c): „

„ Quan-

(a) Supr. §. XVI.

(b) *Qui in via hoc præceptum non implet, nil contra divinam dilectionem agens, non peccat mortaliter.* 22. q. 44. art. 6. ad 2.

(c) De ſpiritu & littera cap. ult. *Cum ab hac peregrinatione . . . perventum fuerit ad ſpeciem . . . proculdubio et ipſa dilectio . . . ſupra quàm intelligimus, erit; nec ideo tamen plus eſſe poterit, quam ex toto corde, ex tota anima, ex tota mente. Neque enim*

reſtat

„ Quando desta perigrinaçaõ . . . se passar para „ a contemplaçaõ . . . sem duvida o mesmo „ amor . . . entaõ será muito superior ao que „ podemos perceber : e comtudo esse mesmo „ amor naõ poderá ser mais do que de todo o „ coraçaõ , de toda a alma , e de todo o enten- „ dimento. Por quanto nada em nós restar pó- „ de, que se possa accrescentar ao amar de todo o „ coraçaõ &c. ; e se restar alguma cousa , entaõ „ naõ será amar de todo o coraçaõ &c. Pelo que „ este deve ser o primeiro preceito da justiça , „ pelo qual sômos mandados amar a Deos com „ todo coraçaõ , com toda a alma , e com todo „ o entendimento . . . o qual *cumpriremos intei-* „ *ramente na outra vida , quando virmos face* „ *a face.* Porem a razaõ por que *ainda agora* „ *nos he posto este preceito* , he para ser-mos ad- „ vertidos do que devemos pedir pela fé , e o „ para onde devemos encaminhar de antemaõ a „ nossa esperança , e a que cousas sempre para „ diante nos devemos hir avançando , esque- „ cendo tudo o que fica para traz. „

Firmado neste fundamento principalmente he, que S. Agostinho estabeleceo , fallando contra os Pelagianos, e que o Concilio Tridentino igualmente ensinou contra os hereges modernos (a), *que naõ havia alguem que nesta vida fosse taõ*

---

restat in nobis aliquid quod addi possit ad totum ; quia si restabit aliquid , non erit totum. Proinde hoc erit primum præceptum justitiæ quo jubemur diligere Deum ex toto corde , ex tota anima , et ex tota mente . . . quod in illa vita complebimus , cum videbimus facie ad faciem. Sed ideo nobis hoc etiam nunc præceptum est , ut admoneremur quid fide exposcere , quo spem præmittere , et obliviscendo quæ retro sunt , in quæ anteriora nos extendere debeamus.

(a) *Sess. 6. c. 11. Licet enim in hac vita mortali quantumvis sancti , et justi in levia saltem et quotidiana (quæ et jam ve-*

Obra protegida por direitos de autor

ſanto (exceptuando o Santo dos Santos, e ſua Mãi Santiſſima), que pudeſſe levar huma vida, que foſſe iſenta de peccados veniaes, ſem que para iſſo tiveſſe hum eſpecial privilegio de Deos: naõ obſtante ſaber-mos que tem havido Santos dotados de huma charidade ardentiſſima, e que tem tido huma ſumma vigilancia ſobre todos os ſeus movimentos, tanto externos como internos. O que acontece, ſegundo advertem S. Agoſtinho e S. Thomaz, por cauſa da concupiſcencia, effeito deſgraçado do peccado original; a qual concupiſcencia, poſtoque os Santos em ſi baſtantemente mortifiquem e abataõ neſta vida, comtudo naõ póde ſer inteiramente extincta, ſem que primeiro pela morte ſeja deſtruido eſte corpo animal, que he o aſſento da meſma concupiſcencia, e venha a reſurgir o corpo eſpiritual, no qual a morte da concupiſcencia fique inteiramente abſorbida pela victoria de JESUS Chriſto.

Deſte principio ſe pódem, ao meu vêr, deduzir algumas verdades, que ſe devem inculcar opportunamente aos fieis.

I. A primeira verdade he, *que ſe póde faltar ao preceito da charidade de muitos modos.* 1.º O primeiro modo he proprio dos peccadores manifeſtos, que cómettem peccados mortaes, e he muito mais proprio dos que vivem voluntariamente neſſes peccados: pois eſtes naõ ſó recuſaõ amar a Deos de todo o coraçaõ, e com todas as ſuas forças, e poſſes; mas de mais a mais o naõ

---

venialia dicuntur) peccata quandoque cadant, non propterea deſinunt eſſe juſti; nam juſtorum illa vox eſt, et humilis, et verax: Dimitte nobis debita noſtra. Can. 23. *Siquis hominem ſemel juſtificatum dixerit . . . poſſe in tota vita peccata omnia etiam venialia vitare, niſi ex ſpeciali Dei privilegio, quemadmodum de Beata Virgine tenet Eccleſia, anathema ſit.*

Obra protegida por direitos de autor

amaõ de modo algum, nem ainda com o mais infimo gráo da verdadeira e propriamente chamada charidade, pois poſpõem Deos ás creaturas, amando mais que elle os bens, os prazeres, e as honras.

2.º O ſegundo modo de faltar ao preceito da charidade he proprio dos mundanos, que ás vezes entre os homens tem o nome de eſtarem vivos, porem eſtaõ mortos nos olhos de Deos: porquanto ſuppoſto elles ſe liſongeem de terem huma charidade ſufficiente, para ſe julgarem eſtarem na graça de Deos; pois julgaõ eſtarem reſolutos a fugirem ao peccado mortal; comtudo achaõ-ſe manifeſta e poſitivamente determinados a naõ amarem a Deos com fervor; querendo ſatisfazer os deſejos humanos em tudo, até aquelle ponto, em que podem, ſegundo imaginaõ, evitar o peccado mortal. Eſtes taes pertendem, contra o Evangelho, unir ao meſmo tempo Deos e o Mundo, Chriſto e Belial; pertendem ſer diſcipulos de JESUS Chriſto, ſem renunciarem, com o coraçaõ, aquillo que poſſuem: e com manifeſta injuſtiça querem fazer no ſeu coraçaõ differentes demarcaçoens, e aſſim dividirem em duas huma poſſeſſaõ, a qual toda pertence a Deos por titulos inconteſtaveis, dando della huma ſó parte a Deos, e a outra ao mundo.

3.º O terceiro modo de faltar ao preceito da charidade he proprio dos Chriſtãos negligentes, os quais com effeito naõ recuſaõ manifeſta e poſitivamente entregarem-ſe a Deos; naõ tendo porem bem comprehendido, ou naõ tendo bem ponderado a força do preceito da charidade, praticamente vaõ andando, e paſſando a vida pri-

Obra protegida por direitos de autor

priguiçosa e descuidadamente, sem pensamento algum de procurarem ter hum amor diligente e fervoroso. Em que estado se achem semelhantes almas, eu me naõ atrevo a decidilo; he comtudo fóra de toda a duvida, que aquelle estado he muito perigoso, e digno de castigo grave.

4.º Finalmente o quarto modo de faltar ao preceito da charidade he proprio dos justos, os quais se achaõ persuadidos da obrigaçaõ, que tem de amarem a Deos de todo o coraçaõ, e quanto pódem; e porisso póem em pratica, ou mais ou menos, as diligencias, para esse fim conducentes. Mas porque, naõ obstante terem estampada no seu entendimento esta lei da charidade, tem tambem nos seus membros outra lei contraria, que he a da concupiscencia, a qual se oppõe aos seus santos propositos; porisso praticamente naõ obraõ todo o bem que querem, nem com aquelle fervor e prontidaõ que querem; antes muitas vezes obraõ algum piqueno mal, que naõ quereriaõ: e assim estes, postoque cumpraõ a substancia do preceito, pois amaõ verdadeiramente a Deos, e procuraõ amalo de todo o coraçaõ, e com todas as forças; naõ o amaõ todavia com toda a perfeiçaõ, que requerem as expressoens maravilhosas do preceito, e que naõ he possivel nesta vida, em que peregrinaõ: e por essa razaõ, assim como nos passos, que daõ no caminho da charidade, merecem á proporçaõ do maior ou menor fervor, com que correm; igualmente peccaõ venialmente todas as vezes em que, cedendo á concupiscencia, affrouxaõ negligentemente a sua carreira.

Póde-se, segundo me parece, fazer esta dou-

§. XI. *Moſtra-ſe o meſmo da Eſperança e da Charidade.* 66
§. XII. *Diſtinçaõ famoſa do amor em effectivo e affectivo do P. Sirmondo. Como ſe lhe deve reſponder para reſtabelecer inteiramente a ſagrada doutrina da Charidade Chriſtãa; e de algumas outras diſtinçoens eſcolaſticas.* 70
§. XIII. *Os Authores das propoſiçoens condenadas tomavaõ os Actos das virtudes Theologicas no ſentido do P. Sirmondo. Quaõ juſta foi a ſua condenaçaõ.* 80
§. XIIII. *Os Eſcolaſticos modernos, ao meſmo tempo que combatem a doutrina do P. Sirmondo, e a dos Authores das propoſiçoens condenadas, naõ ſe affaſtaõ baſtantemente dos inconvenientes da ſua doutrina.* 90
§. XV. *Que por outra parte os meſmos Eſcolaſticos confirmaõ a doutrina, que havemos eſtabelecido, acerca do ſentido amplo, que ſe deve dar á palavra Actos. Que eſte he em ſubſtancia o meſmo parecer e doutrina de S. Thomaz,* 98
§. XVI. *Que em ſubſtancia iſto meſmo he o parecer e a doutrina de S. Thomaz.* 106
§. XVII. *Da obrigaçaõ que ha de referir todas as acçoens a Deos; obſcuridades ſuſcitadas acerca deſte importante ponto. Difficuldades ſobre S. Thomaz; propõe-ſe a ſoluçaõ dellas.* 108
§. XVIII. *Sentimento e intelligencia de S. Thomaz a reſpeito da relaçaõ habitual, virtual, e actual das acçoens humanas para Deos.* 118
§. XIX. *Outra difficuldade acerca de S. Thomaz: em que ſentido ha obrigaçaõ de referir as acçoens a Deos, logo deſde o primeiro uſo da razaõ.* 125
§. XX. *Reſolve-ſe a queſtaõ, de quando ha obrigaçaõ dos actos das virtudes Theologaes debaixo de culpa grave.* 128

Obra protegida por direitos de autor

§. XXI. Em todos os Domingos e dias ſantos feſtivos tem obrigaçaõ o peccador de depor o affecto ao peccado mortal, e principiar ao menos a ſua converſaõ. 138

§. XXII. He aſſaz provavel, que haja huma igual obrigaçaõ nos dias deſtinados pela Igreja ao jejum e a penitencia. 145

§. XXIII. Como ſe devem referir as noſſas acçoens a Deos, para fugir do meſmo peccado venial, e tambem para obrar com perfeiçaõ. 149

§. XXIV. Regras para diſcernir na pratica, quando as noſſas acçoens ſe referem a Deos verdadeiramente. 164

§. XXV. Epilogo e prática para os Cathecismos. 167

PARTE SEGUNDA.

§. I. SE ha neceſſidade de novas Formulas para o exercicio das virtudes Theologaes, alem das que nos enſina a Eſcritura, e a Igreja. 173

§. II. Excellencia das Formulas da Eſcritura e da Igreja. 180

§. III. Parallelo entre as Formulas da Igreja e as modernas. 187

§. IIII. Utilidade das Formulas modernas. 195

§. V. Advertencias para bem ſe comporem as Formulas modernas. 197

§. VI. Advertencias acerca das Formulas da Eſperança. 203

§. VII. Advertencias para o Acto de Charidade. 208

§. VIII. Advertencias para a reza das Formulas. 217

§. IX. Dos Offerecimentos, Intençoens, e Pactos. 226

Fim do Indice.

Obra protegida por direitos de autor

CATALOGO

De alguns Livros Portuguezes com os seus preços em papel, que se vendem em casa de Antonio Barneoud, Mercador de Livros em Coimbra, Administrador da Imprensa da Universidade; e em Lisboa na de Dubeux e Barneoud ao Chiado, defronte da Igreja dos Martyres.

ARchitectura de Vignola, traduzida em Portuguez, com 90 Estampas abertas em Cobre, por ***. 1 vol. em 4° - - - 2$000

Amigos Rivais, Historia Ingleza. 1 vol. em 8° (1790) - - - - - - - - - 240

Costumes dos Romanos, traduzidos em Portuguez. 1 vol. em 8° - - - - - - - 480

Chronica dos Reis de Portugal por Duarte Nunes do Leão. 2 vol. em 4° - - - 1$600

Catecismo Historico, por Fleuri. 1 v. em 8° 240

Diccionario dos Termos Technicos de Historia Natural, com sua Explicaçaõ, e Estampas, para facilitar a intelligencia dos mesmos, pelo Dr. Domingos Vandelli. 1 vol. em 4° - - - - - - - 1$800

Elementos de Filosofia Moral, por Antonio Soares Barbosa, Lente Jubilado de Filosofia Racional e Moral em Coimbra. 3 v. em 8° - - - - - - - - - 1$200

Elevações a Deos sobre todos os Mysterios da Religiaõ Christã, ou Moral Evangelica, traduzidos da Lingua Franceza, de Bossuet. 2 v. em 8° - - - - - - 640

Obra protegida por direitos de autor

Escóla Popular das Primeiras Letras dividida em quatro partes, 1. vol. em 8° - - 660

Tambem se vende cada huma parte separada, a saber.

I. *Orthoepia*, ou boa pronunciação e leitura da Lingua Portugueza. - - - - - - 100

II. *Catecismos* de Doutrina e Civilidade Christã. - - - - - - - - - - - 100

III. *Calligraphia* e *Ortographia*, ou Arte de escrever bem, e certo a Lingua Portugueza, com 9 Estampas, ou Traslados. - 300

IV. *Arithmetica Vulgar* com 9 Taboadas. - 160

Vendem-se separadas da Obra as

Cartas - - - - - - - - - - - - 50
Traslados - - - - - - - - - - 160
Taboadas - - - - - - - - - - - 20

Floræ Lusitanicæ & Brasilienſis Specimen: Et Epistolæ Clar. a Linné & Ant. de Haen ad D. Vandelli scriptæ, cum Figur. 1 v. em 4° - - - - - - - - 600

Historia de Portugal composta em Inglez por huma sociedade de Literatos com as addiçoens da versaõ Franceza, traduzida por Antonio de Moraes e Silva. 3 vol. em 8° - - - 1:200

Historia universa Veteris, ac Novi Testamenti. 1 vol. em 24 - - - - - - - - - 250

Horas da Semana Santa com Estampas finas, em Portuguez, accrescentadas com o Texto dos Sagrados Evangelistas correspon-

Obra protegida por direitos de autor

dente a' cada huma das Meditações, e com devotas Orações para antes e depois da Confissão e Cómunhão. 1 v. em 8° - 600

Idillios de Gesner, 1 vol. em 12 - - - - 300

Instrucções de Latinidade que hum Professor dá aos seus Discipulos. 1 v. em 8° (1791) 480

Lusitania Transformada composta por Fernaõ d'Alvares d'Oriente. 1 vol. em 8° - - - 480

Mercador exacto, ou modo facil de arrumar os livros de contas, por Bonnavie. 1 vol. em fol. - - - - - - - - - - 960

Nova Escóla de Meninos, ou Methodo facil para ensinar a lêr, escrever, e contar, com 13 Traslados. 1 vol. em 4° - - 600

Novissimas Orações Sacras panegiricas por hum Benedictino. 2 vol. em 8° (1795) 720

Novenario geral que comprehende todas as Novenas das Festividades de Christo nosso Redemptor, dos Mysterios, e Invocações de Maria Santissima, e de todos os Santos e Santas da maior devoção neste Reino, distribuido pelos dias do Anno conforme o Calendario da Igreja. 7 v. em 12 2$400

Ortographia da Lingua Latina por Alvares. 1 vol. em 8° - - - - - - - - 480

Parecer sobre os chamados Actos de Fé, Esperança e Charidade. 1 vol. em 8° -

Poetica de Horacio, traduzida e annotada

Obra protegida por direitos de autor

por Jeronymo Soares Barboſa, Profeſſor Jubilado de Rhetor. e Poet. em Coimbra. 1 v. em 8° - - - - - - - - - - - 480

Poemas Luſitanos do Dr. Antonio Ferreira. 2 vol. em 8° - - - - - - - - - 960

Pratica Criminal do Foro Militar. 1 v. em 8° 360

Quintiliano, traduzido e annotado por Jeronymo Soares Barboſa. 2 vol. em 4° - 1$810

Quintiliani Inſtitutiones Oratoriæ ad uſum Schol. Conimb. por Jeronymo Soares Barboſa. 1 v. em 8° - - - - - - - 400

Quintiliano de Pedro Joſé da Fonſeca, 2ª Ediçaõ correcta e emendada ſobre as mais modernas Traducções. 2 vol. em 8° 640

Tevii Orationes. Paris. 1 vol. em 8° - - 480

Verdade da Religião Chriſtã. 2 vol. em 8° - 800

Vida da SS. V. Maria com o Officio da meſma Senhora, em Portuguez, do P. Croiſet. 1 vol. em 12. - - - - - 360

Vida do Infante D. Henrique por Candido Luſitano. 1 vol. em fol. - - - - 1$600

Vendem-ſe em caſa de Antonio Barneoud, Mercador de Livros em Coimbra, aonde ſe acharã hum copioſo ſortimento de Livros em todas as Sciencias e Artes, que vende por preços accommodados, troca e compra toda a qualidade de Livros velhos e novos, e ſe encarrega de apromptar qualquer encomenda que ſe lhe fizer.

Obra protegida por direitos de autor

Obra protegida por direitos de autor

Obra protegida por direitos de autor

Obra protegida por direitos de autor

Obra protegida por direitos de autor